

# Jaider Esbell e arte indígena contemporânea estarão na Bienal deste ano

13 de fevereiro de 2020



A carreira marcada por conquistas importantes para a arte indígena contemporânea, protagonizada por Jaider Esbell, ganha um novo capítulo em 2020. Esbell está confirmado para a exposição de artes que ocorre a cada dois anos, desde 1951, a Bienal de São Paulo, considerada um dos três principais eventos do circuito artístico internacional, junto à Bienal de Veneza (Itália) e Documenta de Kassel (Alemanha).

Conforme a programação divulgada recentemente, essa edição terá um novo formato e contará com parcerias de diversas instituições para receber exposições e palestras em 25 pontos culturais da capital paulista. Jaider Esbell foi escalado para levar sua exposição para o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM São Paulo), onde ficará de setembro a dezembro.

Para o artista, como se autodefine por sua trajetória marcada por arte com ativismo, estar na Bienal "é, antes de tudo, um momento de muita reflexão". Jaider explica que é necessário rever toda a sua trajetória, o seu compromisso com os povos originários ao

decidir o que apresentar, como expor e até mesmo sobre aceitar ou não o convite feito a ele.

Mas afirma: "Tem que ir porque é arte. Eu vou, mas não vou de qualquer jeito. Querem o meu trabalho? Não vão ter. Vão ter a diversidade das questões indígenas, complexas como elas são. Quando recebi o convite, levei comigo a Bernaldina [José Pedro], minha mestra da cultura Macuxi, e disse a eles [organizadores da exposição] que precisavam conversar primeiramente era com ela", lembra.

É com essa determinação de continuar o trabalho, que começou há alguns anos, para difundir a história e a arte indígena contemporânea pelo mundo, acima de tudo, de forma crítica que o artista indígena levará para o palco principal da Bienal a exposição 'A guerra dos canaimés'. Como tem feito nas últimas apresentações por vários lugares do mundo, as exposições de Esbell envolvem, além das obras de artes visuais, performances e literatura.

"O objetivo é levar a esse ambiente público, de formação e de opinião pública, uma reflexão, pensando sobre a questão da guerra recente, política, ideológica e filosófica para demarcar a Raposa [Serra do Sol](#), paramantê-la demarcada, homologada, buscando minimamente uma compreensão a partir do nosso povo, da nossa história que é bastante conflituosa e de uma cultura muito viva", observa.

## **ATIVIDADES EM 2020**

Além da Bienal de São Paulo, Jaider Esbell vai dar continuidade ao trabalho que tem feito ao longo dos últimos cinco anos, viajando pelo mundo com a arte indígena contemporânea. Ele deve ficar por Roraima até o mês de março. Depois disso, se concentrará em São Paulo para dar continuidade também ao trabalho 'Passo Passo Macunaima', que iniciou ano passado.

Segundo ele, trata-se de uma provocação que levou para os espaços paulistas como forma de agrupar pessoas e convocá-las "a pensar criticamente, e a fazer o enfrentamento ao fascismo generalizado". "Especialmente os próprios indígenas, aqui em Roraima, inclusive, que tem apoiado toda essa questão de desencadeamento da volta do garimpo, e toda essa violência generalizada, e que poucos fazem para respirar alguns ares de esperança", ressalta.

Em junho, está prevista uma 'Residência artística' que fará entre duas cidades, que ficam na França e em Portugal. Depois da Bienal, a programação de trabalho de Jaider Esbell segue para o Canadá. Lá terá o desdobramento de uma atividade que aconteceu ano

passado, o seminário *Arctic Amazon*, em busca da interação entre artistas da Amazônia com artistas do Ártico.